

GRUPOS OPERATIVOS ENQUANTO AGENTES TRANSFORMADORES

Autor(res)

Lucia Henriques Sallorenzo
Handressa Andrade De Carvalho
Werlanny Da Cruz Silva Viana
Karollayne Deodata Tomé

Categoria do Trabalho

Trabalho Acadêmico

Instituição

FACULDADE ANHANGUERA DE BRASÍLIA

Introdução

O relatório integra o plano curricular do 6º semestre de Psicologia da Faculdade Anhanguera (Taguatinga-DF), descrevendo o estágio na Budo Brasília, com foco na construção da subjetividade em mulheres de 21 a 42 anos. Baseia-se na metodologia de Grupo Operativo (Pichon-Rivière, 1991, 1998), que promove a aprendizagem pela reflexão crítica (Bleger, 1979/2003; Bastos, 2010), e compreende a subjetividade como fruto das relações afetivas e sociais. A formação do sujeito é abordada a partir de Wallon (1968) e Bastos (1995), que destacam o meio social como elemento essencial no desenvolvimento. A proposta visou fortalecer vínculos (Gayotto, 1992) e favorecer a construção da imagem de si, considerando a influência do olhar do outro (Zugliani, Motti & Castanho, 2007), em um processo de constituição pessoal e coletiva.

Objetivo

Proporcionar uma vivência terapêutica juntamente a um grupo de mulheres praticantes de karatê, a fim de promover o autoconhecimento, fortalecimento individual-coletivo e primordialmente criação de vínculos.

Material e Métodos

O presente estudo tem cunho qualitativo, onde há a combinação de aporte teórico desenvolvido em sala e aprimorado por meio de pesquisas e artigos científicos encontrados no Scielo, Google Acadêmico e Researchgate com definição de um intervalo temporal de 2010 a 2023, juntamente com o relato de experiência.
Inicialmente a demanda foi identificada com base em um questionário (tabela 1), aplicado a um grupo operativo de 8 mulheres, com faixa etária predominante de 21 a 42 anos, que praticam karatê. A mesma demonstrou ser essencial, pois além de coletar as informações básicas, é um mecanismo em que o pesquisador se planeja para o processo de interação e manejamento do grupo (Pereira, 2013).
Após a coleta de todas as informações, foi realizada a estruturação do plano de ação, que considerou as necessidades individuais e coletivas. Já a execução do mesmo se deu no dia 19 de abril de 2025, das 9h às 13h, no Dojo Budo Brasília, conforme alinhado previamente com a instituição. No encontro foram desenvolvidas duas dinâmicas, “Quem é você?” (figura 1), com base em um baralho terapêutico da Editora Matrix, 1ª edição (2018) e "O que vejo em você?” (figura 2).



Resultados e Discussão

As interações observadas durante o encontro reafirmam a eficácia de metodologias que integram aspectos emocionais, cognitivos e sensoriais na construção de ambientes grupais acolhedores e humanizados. A permanência voluntária das participantes no local, mesmo após o encerramento formal das atividades, evidencia o impacto positivo da proposta, indicando não apenas o engajamento, mas também o desejo de continuidade dos vínculos criados. Os resultados obtidos ultrapassam o planejamento.

A diversidade de experiências entre as participantes contribuiu para um ambiente de aprendizado coletivo e enriquecedor. Ao explorar como cada mulher percebeu sua identidade e seu papel nas interações do grupo, podemos discernir padrões e singularidades na construção de vínculos. As trocas durante as dinâmicas refletem não apenas a busca por autoconhecimento, mas também o fortalecimento de laços entre as participantes.

A análise dessas interações pode ilustrar como as habilidades sociais e emocionais se desenvolveram em um contexto de apoio mútuo, gerando um espaço seguro para a auto expressão e o reconhecimento da individualidade dentro da coletividade.

Certamente, ficou evidente que iniciativas como as desenvolvidas pelo grupo operativo, por meio de atividades expressivas, contribuem significativamente para o processo de autoconhecimento e são fundamentais para que os participantes desenvolvam autonomia em suas escolhas, sintam orgulho de sua identidade e assumam a responsabilidade por sua vida e pelo próprio sucesso.

Conclusão

Em um mundo muitas vezes marcado pela individualidade e pela desconexão, o encontro terapêutico promovido através do Karatê se revelou como um espaço de acolhimento e transformação. A experiência vivenciada por essas foi muito além de um simples exercício físico, foi um abrigo onde cada uma pôde explorar suas emoções, construir vínculos e se redescobrir.

Através de dinâmicas cuidadosamente planejadas e mediadas, possibilitando o cultivo de um ambiente propício à reflexão e à troca, onde o olhar de cada uma sobre si mesma se iluminou à medida que se entrelaçam com o olhar do outro.

O sucesso deste encontro não pode ser medido apenas pela metodologia aplicada, mas pela conexão genuína que se estabeleceu entre as participantes. Ao final do dia, ver todas elas permanecerem juntas, compartilhando risos e histórias, evidenciou o impacto profundo e duradouro que essa proposta provocou.

Referências

ANDALÓ, Carmen Silvia de Arruda. O papel de coordenador de grupos. Psicol. USP 12 (1), 2001, https://doi.org/10.1590/S0103-65642001000100007

BASTOS, Alice Beatriz B. A técnica de grupos-operativos à luz de Pichon-Rivière e Henri Wallon. Psicólogo de informação, v. 14, n. 14, p. 161-168, jan./dez. 2010.

CAETANO, Beatriz Lacerda. SANTEIRO, Tales Vilela. Grupo Operativo com Psicólogos do SUS: Das Armadilhas ao Brincar. Psicologia: Ciência e Profissão 2023 v. 43, e249030, 1-15. Disponível em https://doi.org/10.1590/1982-3703003249030.

COSTA, Jobert Teixeira; SILVA, Felipe Santos da; SILVEIRA, Cláudia Alexandra Bolela. As práticas grupais e a atuação do psicólogo: intervenções em grupo no estágio de processos grupais. VÍNCULO – Revista do NESME, 2018. v. 15, n. 64, p. 57-78.

FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (Org.). Modalidades de intervenção clínica em Gestalt-



terapia. São Paulo: Summus, 2016.
GAYOTTO, Maria LC. Movimento dialético do processo grupal. São Paulo.